

Zélia Gattai e Norah Lange:

espaços e culturas em deslocamento

Página | 98

Regina Simon da Silva ³⁰

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Ramón Diego Câmara Rocha ³¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de demonstrar, por meio de uma aproximação entre as escrituras de Norah Lange e Zélia Gattai, como a produção dessas duas autoras, em relação às narrativas de memória, participa de um constante processo de deslocamento cultural, ampliando nossa visão acerca das ideias sobre uma identidade única, evidenciando um constante movimento entre culturas, situando-se, a partir de um projeto estético em suas escritas, em um lugar do meio, na cultura latino-americana. Para concretização dessa análise, utilizaremos uma abordagem da literatura comparada em que, aliando aspectos de suas escritas aos respectivos contextos de sua produção, veremos como a representação de realidades, a princípio tão distintas, toca-se, pluraliza-se, a partir de pontos em comum, na escrita memorialista dessas duas grandes mulheres. Nesse sentido, a partir dessas “escritas em movimento”, analisaremos alguns trechos de diários, cartas e conferências, de cada uma dessas duas grandes vozes e partícipes de processos importantes da história e cultura, do Brasil e da Argentina, respectivamente. Nesse percurso teórico, alguns textos nos servirão de arcabouço para nossa investigação comparativa, como Ruiz Sánchez (2005), Halbwachs (1990), Leonor Arfuch (2010), Ottmar Ette (2018), Mizraje (1999), entre outras pensadoras e pensadores que nos auxiliarão nesse percurso.

Palavras-chave

Deslocamentos culturais. Narrativas de memória. Norah Lange. Zélia Gattai.

³⁰ Pós-doutora em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas (UFRJ). Professora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas - DLLEM (UFRN), área Letras/Espanhol e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL (UFRN), linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural.

³¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Estudos da Linguagem, opção Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Considerações iniciais

São muitos os caminhos que unem as escritoras latino-americanas da década de 1920. A luta pela igualdade de direitos, a construção de uma perspectiva nacional dentro e fora de seus respectivos países, o fortalecimento de uma cultura letrada atenta às transformações sociais de seus respectivos contextos são, por exemplo, alguns desses elementos. Nesse âmbito, Zélia Gattai (1916-2008) e Norah Lange (1905-1972) foram, no tocante as suas respectivas produções, duas mulheres de grande importância na valorização e revisitação crítica da(s) memória(s) e cultura(s) latino-americana(s) e, por esses e outros motivos, suas escritas se aproximam em um movimento de compreensão, respectivamente, da memória histórica brasileira e argentina, em constante deslocamento cultural.

Seguindo essa linha de raciocínio, em busca de uma mobilidade cultural e de um situar-se entre culturas no cerne da rememoração histórica, não é difícil identificar, em um primeiro momento, os lugares dos quais ambas nos falam. A primeira das escritoras, por exemplo, é herdeira de uma longa tradição italiana, cujos antepassados vieram, de forma bastante controversa, a terras brasileiras. Trazidos, sobretudo, com promessas de um rico futuro, seus parentes emigraram em busca da construção de uma nova vida, fixando raízes no Brasil.

A segunda, filha de um norueguês com uma inglesa de origem irlandesa, também sofre um deslocamento espaço-cultural quando seus pais, movendo-se de seu lugar de origem para morar, durante grande parte de sua vida, em Mendoza e Buenos Aires, decidem por fixar-se, também de modo bastante peculiar, nos embriões do território latino-americano.

Gattai, como viajante e mulher de percepção apurada, acaba testemunhando todo o processo de redemocratização brasileira, mapeando os trânsitos culturais, os deslocamentos e os intercâmbios entre Itália e Brasil, lançando vários livros de memória, obtendo reconhecimento dentro de um formato narrativo intitulado de memorialista, por meio de obras como *Anarquistas graças a Deus* (1979) e *Chão de meninos* (1992).

Lange, por sua vez, não só decidiu reviver suas histórias de infância na terra argentina, como apostou, também na década de 20, na produção de um livro que relatasse aspectos íntimos de sua vivência, em um território repleto de idiosincrasias. Apoiada nisso, escreveu *Cuadernos de infancia*³² (1937), na qual realiza um inventário de suas

³² Para esse artigo utilizamos a tradução de Joana Angélica D'ávila Melo, *Cadernos de infância* (2009).

maquinações infantis, a partir da revisitação de uma argentina própria, calcada na força poética de sua escrita.

Nesse sentido, suas obras se tocam e estabelecem – pelo aspecto desterritorialista que parecem explicitar em suas escritas – por meio de uma concepção de mundo globalizado, que nos coloca em constante deslocamento, não só espaço-temporal, como também, histórico-cultural. É por esse motivo que, tanto Lange quanto Gattai partilham de uma condição que as aproxima, nesse estudo comparado, ou seja, relatos de um amadurecimento feminino em terras estrangeiras, nas quais, ambas, enfrentando suas dúvidas e medos, caminham nas veredas de uma escrita do íntimo, que vai da infância à adolescência, relatando-nos o processo de tomada de consciência crítica de seus papéis enquanto mulheres e escritoras no início do século XX, a partir de uma localização memorialista que se dá “Entremundos” (ETTE, data).

Além disso, essas autoras parecem situar-nos em uma nova forma de se pensar a escrita de memórias, ou seja, arquitetada sob a sombra de um movimento entre culturas que nos dá, enquanto projeto de escrita, o balanço histórico-cultural de uma narrativa que não tem uma única morada.

A redescoberta do signo

Em seu livro, *Anarquistas Graças a Deus* (1979), por exemplo, Zélia Gattai nos apresenta a perspectiva de uma criança que, assustada e longe de seu habitat cultural de origem, situa-se em um espaço do meio, ou seja, em uma referência histórico-cultural povoada tanto pelo imaginário italiano, quanto pela influência da cultura brasileira na qual crescera e com a qual acabara se identificando.

Na sua elaboração memorialista, quando se fala da exposição de um imaginário infantil, ou seja, da preparação de um terreno fértil no qual suas memórias começam a florescer, a narradora, personagem e, também, autora, logo nos insere em uma tradição oral que adquirira, na figura de sua mãe, o símbolo máximo de representatividade:

De origem modesta, mamãe sempre gostara de boa leitura, embora quase não houvesse estudado. Preferia ler à noite, já deitada, em silêncio. Saboreava lentamente cada palavra. Tivera poucos meses de escola, mas os aproveitara bem, escrevia-me cartas deliciosas, nas quais misturava o dialeto vêneta e a língua portuguesa, cartas cheias de espírito e erros ortográficos. Seu diário, no qual escrevia à noite, antes de dormir, era a minha grande curiosidade, mas

nunca consegui pôr os olhos em cima, pois ela o trazia trancado a sete chaves, o recato a perseguia. (GATTAI, 1992, p. 39)

Entrando no mundo das letras a partir das leituras que sua mãe apresentava e, por vezes, lia em voz alta, a autora descreve-nos um processo de tradução – por parte de sua mãe – de uma nova realidade, a brasileira, a partir de uma realidade primeira, a italiana, apostando na transcrição de uma experiência que “misturava o dialeto vêneto e a língua portuguesa” (GATTAI, 1992, p. 39).

Nesse caminho de reconstituição dos fatos que marcaram sua vivência, rememorando os primeiros anos de sua vida em terras brasileiras, a autora faz questão de enfatizar esse encantamento com uma nova realidade. Contudo, longe de ser um mero processo de descrição do que fora vivido, a escrita de Gattai atesta em favor de uma vivência de mão dupla, por meio de um deslocamento entre culturas que nos é perceptível pela instrução e escrita de sua matriarca. O que não ocorre por acaso, afinal, como nos diz a pesquisadora Lílian de Lacerda (2003), a constituição das mulheres leitoras sempre foi mediada por alguma figura feminina em duas situações: 1) dentro do seio familiar; 2) quando a família dispunha de grande orçamento financeiro, através da contratação de uma mulher para ser preceptora de suas filhas:

[...] nos escritos de Maria José Dupré e Zélia Gattai a memória está marcada pela saga familiar e as formas de sobrevivência do grupo. Na narrativa delas identifiquei a atuação das mães como parte constitutiva de suas histórias como leitoras, na medida em que estas contribuíram com um repertório favorável por meio do que liam, dos usos diferenciados que faziam dos impressos e da partilha de seus gostos e preferências literárias transmitidas, oralmente, como parte de seu legado cultural. (LACERDA, 2003, p. 174)

Norah Lange, por sua vez, enquadra-se nessa segunda situação. Filha de pais abastados, ela obtém aulas de uma preceptora inglesa, que a ensina a compreender melhor a dicção castelhana e todas as implicações culturais envolvidas no processo de aquisição de uma nova língua e, conseqüentemente, de novos costumes:

Diariamente, Miss Whiteside nos reunia no quarto onde nos dava aula, para prosseguir os cursos de inglês, geografia, história e religião. Minhas irmãs estudavam conscienciosamente. Susana e eu começamos mais tarde, e ainda recordo o livro de Manet no qual li as primeiras coisas. Da Argentina sabíamos muito pouco. (LANGE, 2009, p. 39)

Por vezes, essa educação conferida às mulheres, confundia-se com uma necessidade, por parte dos pais, de uma escolarização de suas filhas. Isto porque, “Nesse modelo de formação feminina, educar cumpre às vezes de escolarizar” (LACERDA, 2003, p. 170). O fato é que, tanto no caso de Gattai, quanto no de Lange, mesmo que por

vias singulares, a redescoberta do signo, em busca de uma melhor educação, dá-se de modo intercultural, ou seja, ambas aprendem a lidar com uma nova realidade por meio de trânsito entre língua e cultura maternas e língua e cultura do país de acolhida.

Além disso, o espaço privado da educação familiar, ou seja, de um universo do íntimo ao qual ambas eram restritas, permitiu o aprofundamento de um tipo de escrita chamada de memorialista, que se deu, basicamente, a partir de registros em diários e notas tomadas longe dos olhos de seus pais. Isto, pois, desde que as mulheres puderam ler e ter acesso a escrita, a proibição de determinadas leituras e, posteriormente, da divulgação de seus escritos, tornou-se uma chaga aberta do machismo, um controle da produção sob o pretexto de resguarda da honra feminina, mantendo as mulheres em casa, sob olhos vigilantes, como nos diz a pesquisadora Graciela Batticuore:

Dito de outro modo, a consciência sobre a necessidade de *exibir o pudor* como uma característica que torna visível a honra feminina (entendida como um atributo que diz respeito à moral sexual) busca projetar-se também no âmbito específico da leitura e da escrita das mulheres.³³ (BATTICUORE, 2005, p. 114, grifos do autor). Tradução nossa.

Esse processo de escrita acabou evidenciando o que acontecia nos bastidores da vida pública e privada da qual fizeram parte, revelando um diálogo profundo acerca de costumes e vivências que se tocam e vem à tona, da esfera da subjetividade ao âmbito da construção estética.

Resgatando e imbricando vozes que se pluralizam mediante contextos diversos de significação, essa escrita dá margem, também, a um “eu” que é, ao mesmo tempo, narrador, personagem e autor dos enredos que escreve. Nesse movimento em que, pelo teor escorregadio da memória, fato e ficção se fundem, como nos diz a teórica argentina Leonor Arfuch, “não é tanto o ‘conteúdo’ do relato por si mesmo – a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes –, mas precisamente *as estratégias* – ficcionais – *de autorrepresentação* o que importa” (ARFUCH, 2010, p. 73, grifos do autor).

O fato é que, tanto com Gattai quanto com Lange, essa maneira de representar o mundo parece anunciar, já no próprio movimento de descobrimento e apropriação de uma nova linguagem, um movimento de busca por si. Uma espécie de tomada de consciência do eu-no-mundo a partir dos mecanismos de articulação e expressão próprias, da linguagem como morada itinerante do ser, afinal:

³³ No original: “Dicho de otro modo, la conciencia sobre la necesidad de exhibir el pudor como un rasgo que hace visible el honor femenino (entendido como un atributo que atañe a la moral sexual) busca proyectarse también en el ámbito específico de la lectura y la escritura de las mujeres”.

[...] nos debates centrais que preocupam a nossa sociedade: todo texto literário é parte de um projeto estético que elege a representação artística para dar resposta a uma pergunta – formulada expressamente em uma minoria de casos – mas sempre existente. Escrever para entendermos a nós mesmos, para entender nossa sociedade, ou as mudanças as quais ela nos leva, para tratar de encontrar razão para o inexplicável ou descrever o inconcebível, ou voltar a nomear o que se converteu em inominável [...].³⁴ (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 102). Tradução nossa.

Como nos diz Ruiz-Sánchez, isso acontece porque esse processo de nominar, de redescobrir expressões verbais que, digeridas e transpostas para uma nova forma de pensar, acabam por revelar o que há de si na construção de uma identidade em constante deslocamento. Se for preciso dizer que cada projeto estético é singular, e isso não poderia ser diferente em relação a essas duas escritoras, não se pode negar, contudo, que enquanto instrumento de mediação, ambas tomam as novas línguas – portuguesa e espanhola – como ferramentas de autodescoberta e, também, em um movimento de compreensão do mundo, como código interpretativo de suas próprias realidades históricas e espaço-temporais, refletindo sobre as ideias de pertencimento, normatizações, enquadramentos sociais, ou até mesmo sobre a própria linguagem.

Nesse sentido, o discurso daquele que migra, daquele que tem uma referência cultural primeira e que, por força de movimentos de expatriação ou de mudança de perspectiva cultural, obtém, na própria escrita, uma perspectiva dialética, ou como nos diz Cornejo Polar (1996) “considero que o deslocamento migratório duplica (ou mais) o território do sujeito e lhe oferece ou o condena a falar a partir de mais de um lugar. É um discurso duplo ou multiplamente situado”³⁵ (CORNEJO POLAR, 1996, p. 104). Tradução nossa.

Desterritorialização e memória cultural

Avançando na hipótese de uma representação e autorrepresentação dos deslocamentos espaço-temporais a partir de uma nova concepção de territorialidade e referenciação, a memória e sua posterior transcrição para a linguagem são os meios

³⁴ No original: “[...] en los debates centrales que preocupan a nuestra sociedad: todo texto literario es parte de un proyecto estético que elige la representación artística para dar respuesta a una pregunta — formulada expresamente en una minoría de casos— pero siempre existente. Escribir para entendernos a nosotros mismos, para entender nuestra sociedad, o los cambios a los que ella nos aboca, para tratar de encontrar razón a lo inexplicable o describir lo inconcebible, o volver a nombrar lo que se convirtió en innombrable [...]”.

³⁵ No original: “considero que el desplazamiento migratorio duplica (o más) el territorio del sujeto y le ofrece o lo condena a hablar desde más de un lugar. Es un discurso doble o múltiplemente situado”.

através dos quais esses deslocamentos podem ser analisados, na reconstituição de uma percepção individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Nesse caso, surge um projeto de escrita em que, “de um lado, os depoimentos dos outros serão impotentes para reconstituir nossa lembrança apagada; de outro, nós nos lembraremos, em aparência, sem o apoio dos demais, de impressões que não comunicamos a ninguém” (HALBWACHS, 1990, p. 22).

Dessa maneira, se a apropriação de uma língua nos aproxima espaço-temporalmente de uma cultura, três esferas de comportamento acerca da realidade na qual o imigrante fixa morada são dispostas, agora, nesse novo contexto que se revela. Segundo Ruiz-Sánchez (2005), estudiosa do tema, isto acontece porque o processo de migração que envolve culturas e línguas diferentes, deslocando-as histórica e culturalmente, envolve uma nova maneira de lidar com espaço e linguagem, em uma constante movimentação da percepção coletiva e individual.

Ao estudar, especificamente o processo migratório e de deslocamento cultural a partir da memória de vários escritores, em exílio forçado ou autoexílio, a pesquisadora concluiu que, nesse movimento de escrita, na terra de acolhida, cria-se uma nova referencialidade, no cerne da própria construção estética. Nesse sentido, a pesquisadora nos exemplifica cada uma dessas três esferas de referencialidade e interação intercultural.

A primeira reflete um projeto de escrita monolíngüística que, apoiando-se na produção em língua materna dos escritores e escritoras que saíram de suas referidas pátrias e foram obrigados(as) a se estabelecer em outro espaço geográfico. A segunda esfera seria a de um multiculturalismo no qual duas ou mais línguas surgem em um movimento de bilingüismo criativo, construindo um projeto estético que envolveria a(s) língua(s) nativa(s) e a(s) língua(s) materna(s). Não raro, essas construções se manifestaram de forma tão nítida em escritores que passaram por esse processo de desterritorialidade, a partir do qual, “W. Nabokov, J. Conrad, S. Beckett são os ícones mais conhecidos e, por sua vez, exemplares neste tipo de tratamento³⁶” (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 106). Tradução nossa.

Já a terceira esfera, ainda segundo a mesma autora, reflete uma produção monolíngüística na nação que deu acolhida ao escritor. Ao invés de uma interculturalidade expressa por meio do bilingüismo, há a manifestação de um trânsito constante no acesso às memórias vividas – tanto na língua materna, quanto na língua

³⁶ No original: “W. Nabokov, J. Conrad, S. Beckett... son los iconos más conocidos y a la vez ejemplares en este tipo de tratamiento”.

estrangeira, contudo, através de uma escrita, especificamente, na língua do país que acolhera esses(as) escritores(as). Ou como nos diz Ruiz-Sánchez:

[...] o que se aprecia pela presença no momento criativo das memórias histórico-culturais tanto da língua materna quanto a de acolhida. A experiência de desterritorialização já vem herdada, e se transforma por isso, no momento de criação, ou em tema ou em percepção narrativa.³⁷ (RUIZ-SÁNCHEZ, 2005, p. 106). Tradução nossa.

O estudo de Ruiz-Sánchez nos é de grande importância, pois essas esferas de interculturalidade que envolvem os processos de deslocamento cultural a partir do caráter móvel da memória e, expressa nos escritos dos emigrados, se faz refletir na própria construção de um projeto de escrita. Nesse âmbito, tanto Gattai quanto Lange apresentam, por meio de uma memória histórica em constante deslocamento, aspectos memorialistas cujas referências se dão entre culturas, muitas vezes fundindo-as, outras vezes estabelecendo uma relação de paralelismo.

No caso de Lange, vemos, por vezes, um estágio de apropriação da linguagem com objetivo de refletir, a partir dos intercâmbios com a língua espanhola e suas referências culturais norueguesa e anglo-saxã, sobre as próprias transferências entre culturas, entre formas de nominar e silenciar:

[...] eu me distraía, sentada no chão, com meu passatempo favorito. Com uma tesoura, recortava palavras dos jornais locais e estrangeiras e ia empilhando-as em montinhos. Na maioria das vezes, desconhecia-lhes o significado, mas isso não me preocupava nem um pouco. Só me atraía seu aspecto tipográfico, a parte densa ou rara das letras. As palavras em maiúsculas como TWILIGHT, DISCOVERY, DAGUERREÓTIPO, LABIRINTO, THERAPEUTIC, produziam-me por si mesmas um entusiasmo e uma satisfação que, agora, eu teria de qualificar como estética. (LANGE, 2009, p. 173, grifos do autor)

Aqui, a paixão pela palavra nasce do conhecimento de uma mistura linguística, da inter-relação entre línguas de modo que, indistinguívelmente, o que direciona a escritora e a ajuda a formar seu amor pela linguagem é o aspecto singular de cada palavra, a forma como a palavra se revela dentro de uma nova cultura e, até mesmo, o aspecto gráfico do signo.

Nesse labirinto linguístico, o dito aparece em constante deslocamento e, conseqüentemente, a partir dessas formas de expressão verbal é que constituiu-se, nas

³⁷ No original: “[...] lo que se aprecia por la presencia en el momento creativo de las memorias histórico-culturales tanto de la lengua materna como de acogida. La experiencia de desterritorialización viene ya heredada, y se convierte por ello en el momento de creación bien en tema, bien en percepción narrativa”.

palavras da própria Lange, “um entusiasmo e uma satisfação que, agora, eu teria de qualificar como estética” (LANGE, 2009, p. 173).

Desse modo, o trânsito entre significante e significado, em uma mobilidade da compreensão que funda o interesse e a noção estética, acaba levando Lange para sua lida com a escrita e o processo de nomeação das coisas. Sua formação enquanto leitora acontece em um lugar em que a referenciação da linguagem se dá entre a cultura de origem e a cultura do país de acolhida, condicionando sua percepção estética e, posteriormente, sua forma de fazer e pensar a poesia. Esta última mais evidente, também, a partir do fragmento em que ela nos fala sobre o caráter sonoro das palavras que aprendera na Argentina: “No princípio, eu repetia as primeiras palavras, embora a voz de quem me falava já tivesse alcançado outro rumo, outra intensidade. Mas, uma vez obtida a frase de dez sílabas, eu prescindia desse hábito e podia escutar com calma” (LANGE, 2009, p. 153).

Seduzida por uma espécie de fetiche sonoro, a mesma autora nos diz, ainda, que durante conversas inteiras se dispunha a contar as sílabas das palavras, tentando enquadrar, em uma métrica própria, a sonoridade de uma dicção castelhana que procurava absorver e repetir de forma bastante aplicada. Como ela mesma nos diz, posteriormente, essa paixão pelo som das palavras não surgira com a leitura de poesia no idioma que aprendera, mas sim, pela apropriação de aspectos da oralidade, no interior da Argentina: “A poesia, no entanto, não me incitava a percorrê-la, a medi-la. Meus dedos se moviam, unicamente, quando alguém me falava e em pouco tempo adquiriram tal destreza que fui capaz de seguir conversas inteiras marcando sílabas com os dedos” (LANGE, 2009, p. 155).

Já no caso de Gattai, esse processo de deslocamento, ainda no nível da linguagem, acontece em uma reflexão sobre a forma de apropriação da palavra. A reflexão acerca do dito se dá, justamente, na rememoração de uma tradição da oralidade, oriunda da cultura italiana, mas rememorada, sobretudo, quando há um deslocamento espaço-temporal entre aspectos da cultura italiana e brasileira:

Meu pai emocionava-se ao nos narrar suas próprias histórias. Digo suas próprias histórias porque acredito que ele as inventava à medida que nos ia contando. Ele próprio se empolgava e isso eu percebia, nos momentos mais emocionantes, ao notar arrepios em seu pescoço. Embora falasse correntemente o português, papai só contava histórias em italiano, matava dois coelhos com um tiro só: divertia os filhos e ensinava-lhes a sua língua natal. (GATTAI, 2002, p. 2)

Convidada a proferir um discurso para sua posse como membro da Academia Brasileira de Letras, em 2002, Gattai relembra aspectos de sua cultura de origem, na forma de se pensar e compor seus escritos em língua portuguesa. Nesse feito, atesta em favor de aspectos como a ênfase na oralidade e em uma tradição de transmissão de costumes que valorizava, não a frieza da palavra escrita, mas o calor sonoro de uma linguagem que se constituiu e se constitui por meio de uma fluidez comunicacional.

Para além da apropriação de uma língua nova, resgatando, esteticamente, espaços comunicativos, dentro da própria linguagem, é importante se dizer que Lange e Gattai não se restringem à reflexão sobre a linguagem em si, afinal, operam-se também, tanto em uma quanto em outra escritora, certos movimentos de descentralização de pensamento cultural acerca de suas respectivas realidades.

Deslocamentos, espacialidades e transpersonalizações

Nesse processo de situar-se entre culturas, os limites do público e privado, do nacional e do estrangeiro, expandem-se e se refletem em uma dobra crítica sobre a própria conceituação histórico da cultura. Nesse sentido, tanto as obras de Lange quanto as de Gattai detém-se especificamente em duas problematizações: 1) a que envolve os lugares fixos de fala a partir dos quais se problematiza a ideia de unidade nacional, bem como uma essência de nacionalidade; 2) a imbricação dos espaços públicos e privados em um movimento de deslocamento cultural, por meio da escrita, que pode dar-se de modo “transpessoal”.

No tocante ao primeiro aspecto, é importante demonstrar que, em *Chão de meninos* (1992), o chão do qual nos fala Gattai, é absolutamente metafórico, ou seja, é um espaço em que a autora firma sua escrita e sua vivência, de forma memorial e imaterial. Esse terreno, no entanto, é movediço, se movimenta ao sabor de suas lembranças, é revisitado a partir de uma eterna presentificação do passado que, de forma atualizada, se perpetua e reativa suas lembranças.

Essas lembranças, no entanto, são visitadas a partir de uma modificação latente do passado tal qual ela recorda o ter vivido, afinal, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1999, p. 30).

É justamente nesse caráter móvel em que Gattai, como contadora de histórias, situa suas reflexões acerca de uma modificação na forma de se pensar os espaços públicos que, em uma perspectiva mais globalizada e ampla, pensa a história e a política brasileiras, conforme esse deslocamento cultural. Não por acaso, isso fica tão evidente em algumas passagens de dois de seus livros mais conhecidos.

Em *Chão de meninos*, por exemplo, destacamos esse fragmento, no qual percebemos uma aguda observação da narradora/autora/personagem, Gattai, diante da transformação e deslocamento cultural de atuação dentro de um mesmo espaço:

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de vinte quilômetros a hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos [...]. (GATTAI, 1979, p. 22)

Nesse trecho, vemos alguns pontos bastante interessantes no tocante à percepção do espaço público no Brasil, das ideias de pertencimento e da constituição de uma nova forma de subjetividade a partir da remodelação dos espaços. Um primeiro aspecto a se ressaltar é que Gattai, como boa observadora e, também, herdeira de uma tradição da contação de histórias por seus antepassados, explora o aspecto da oralidade e o transpõe para o texto escrito.

É nítido perceber, pelo próprio uso das vírgulas, pela exacerbação dos sons sibilantes e pela intensidade do impacto de novas máquinas no Brasil, a intensidade conferida a uma nova etapa na forma do brasileiro se relacionar com a modernidade. A utilização de imagens como “violentas explosões, gases e fumaça escura” ((GATTAI, 1979, . 22), também demonstram bem o clima que se instalara no espaço público brasileiro, entre “estridentes fonfons de buzinas” (p. 22) e uma cidade que “crescia mansamente” (p. 22). Aqui, os elementos que compunham o imaginário nacional, do Brasil como uma unidade essencialmente tupiniquim, no tocante à construção de sua identidade enquanto país, é colocada em xeque pela chegada de uma tecnologia que, inevitavelmente, destoava de um sentimento de calma e tranquilidade.

A crítica de Gattai se dá com a calma e ironia de quem percebe a novidade que os carros, já em moda na Europa, chegam com atraso e espanto ao território brasileiro. Sua anúncio parece conter um ar de observação e, ao mesmo tempo, sarcasmo, na

forma de descrever as pessoas “deslumbradas” com os espectros da modernidade, a partir dos quais dá, à narrativa, certo tom cômico. Característica essa, ressaltada por Simone de Beauvoir: “Era sua origem italiana que doava-lhe uma natureza, uma leveza juvenil. Tinha muito caráter e era comunicativa. Um olhar fundo, a palavra pronta. A presença dela era muito dinâmica, aliás, confesso que foi uma das poucas mulheres com as quais eu ri!” (BEAUVOIR, 1995, p. 464).

Esse deslocamento cultural, travestido de ironia na percepção acerca das máquinas estrangeiras, no território brasileiro, salta-nos aos olhos na narrativa, a partir de uma constante contraposição entre uma ideia de Brasil como país calmo e subdesenvolvido, com a inserção ou, como a mesma autora nos fala, a “invasão” de um maquinário estrangeiro, que acelera o ritmo de vida dos paulistanos, mas que, em um momento posterior, harmoniza-se a ele. A apropriação das máquinas e, sua inserção tardia ao fluxo da cidade, já nos revela uma heterogenia na forma de se pensar as relações no espaço público.

Já em Norah Lange, as relações de pertencimento com os espaços e territórios geram, quase sempre, uma sensação de nostalgia que se reflete pelo próprio processo de deslocamento, alterando, inclusive, aspectos físicos e comportamentais de sua autorrepresentação na narrativa que se desloca entre passado e presente, espaço público e privado:

Vestidas de marinheira branca chegamos, às cinco, a Mendoza. Vestidas de escuro partimos para Buenos Aires. [...] Debruçadas nas janelas seguíamos a graminha acachapada junto aos trilhos da via contrária, recuperávamos em alguma curva o perfil brumoso da cordilheira.

– Lá está ela outra vez! – exclamava alguma coisa. Nesse momento, ela existia para nós, com aquela ternura peculiar das despedidas, em que a pessoa percorre por longo tempo, a coberta do barco para recolher, um instante mais, só um, a imagem familiar que a distância vai apagando. (LANGE, 2009, p. 125)

Por esse motivo, em *Cadernos de infância*, a mediação entre espaços parece implicar, rotineiramente, uma “transpersonalização”, ou seja, a escritora parece situar-se em uma perspectiva linguística e identitária “EntreMundos”, ou como nos diz o escritor alemão Ottmar Ette (data), em uma forma de perceber a interação entre diversos aspectos de duas ou mais culturas que envolvem um processo de transitoriedade, a partir do qual, em constante movimento e/ou deslocamento histórico-cultural entre diferentes formas de nos comportarmos, acarretando uma “autorrepresentação transpersonal” – fundindo diferentes aspectos de nossa personalidade entre culturas –.

O detalhamento dessa “transpersonalização”, mediada pelo deslocamento, é constituído de uma maneira tão intensa que, por vezes, a transposição da consciência da narradora para um território afetivo sugere a confusão entre letra e territorialidade, como esclarece Maria Gabriela Mizraje quando nos diz que:

[...] de Mendonza escolhe a terra, é o que resta para a lembrança e algo da ordem do funcional: terra e palavras se associam e compõem todo o capítulo [...] “Quando penso na casa de Mendonza, mais do que as árvores, mais do que a paisagem, esses pedaços de terra chegam até a mim [...] e a lembrança os empilha [...] para que sua dureza não prejudique a caligrafia mais desgarrada e doce”³⁸. (MIZRAJE, 1999, p. 199). Tradução nossa.

Esta fusão entre espaço e representação/autorrepresentação acontece, pois, segundo Ottmar Ette (data), espaço e tempo condicionam a percepção acerca do fluxo de deslocamento que constitui nossa identidade, por isso, pode haver uma relação indissociável entre o espaço ocupado e a adequação identitária àquele espaço que se ocupa e que, em uma transposição linguística, especificamente na configuração de uma autorrepresentação, por meio da literatura, de relatos de viagem, ou escritos memorialistas:

A transposição para uma outra região, para um outro país (*pays*) da Terra, não só implica – como vimos – o deslocamento espacial e a possibilidade de um “*se dépayser dans le temps*”, como também oferece a chance tanto de uma mudança completa de pessoa, quanto das circunstâncias concretas de sua vida. O *transregional* inclui uma modificação *transpessoal*. (ETTE, 2018, p. 64, grifos do autor)

Isto acontece em um contexto cultural no qual, a partir de uma perspectiva globalizante, o mundo se estabelece em um constante trânsito entre países e identidades que geram, portanto, uma nova maneira de se pensar a constituição do(a) autor(a) e de sua respectiva produção, através das “formas mais diversas de apropriação de bens simbólicos, como arte e literatura, também meios de comunicação de massa e cultura do dia-a-dia e, assim, pelos processos de leitura e decifração dos mais variados” (ETTE, 2018, p. 71).

A representação estética desses múltiplos referentes faz, portanto, com que, a reflexão sobre os movimentos de pertencimento, de reconhecimento e identificação com

³⁸ No original: “[...] de Mendoza elige la tierra, es lo que queda para el recuerdo y algo del orden de lo fundacional: tierra y palabras se asocian y conforman todo el capítulo [...] “Cuando pienso en la casa de Mendoza, más que los árboles, más que el paisaje, vienen a mi encuentro esos pedazos de tierra [...] y el recuerdo los apila [...] para que su dureza no perjudique la caligrafía más desgarrada y dulce”.

determinado território esteja muito além daquilo que se estabelece em um acordo prévio, através de uma identidade una e bem delineada.

Nesse sentido, enquanto Lange parece apontar para um trânsito memorial dos espaços que apresenta, tomando sua cultura como entrelaçamento paralelístico e alternando, entre diversos recortes espaço-tempo-culturais, construindo uma escrita em constante deslocamento, Gattai o faz, situando sua percepção da realidade brasileira não de forma a alternar entre uma cultura e outra, em uma transitoriedade que se dá de maneira paralela no encadeamento de memorialístico, mas com uma dicção que se estabelece, entre culturas, em que uma se torna o parâmetro crítico de releitura da outra.

Considerações finais

Dito isto, tanto Gattai quanto Lange, além de situarem-se em uma forma de apropriação de uma nova linguagem estabelecendo uma releitura dos países em que foram acolhidas a partir da língua nativa desses países, há uma relação entre culturas ou, como nos diz Ottmar Ette, “EntreMundos”.

Nessa relação, entre cultura de origem e cultura de acolhida, é inevitável que, cada escritor, a seu modo, pense o espaço e o tempo da cultura em um constante deslocamento entre culturas que pode ou não acarretar em um processo de trânsito histórico, espacial e linguístico que estão diretamente envolvidos em uma nova maneira de representação e autorrepresentação nos textos literários e memorialistas.

Nessa escrita memorialista, especificamente, observa-se, pelo seu caráter de testemunho, em um primeiro momento, uma denúncia crítica acerca desse próprio deslocamento no cerne da escrita. Quem escreve entre culturas atesta, no próprio movimento de desterritorialidade empírica, uma movimentação entre diferentes formas de percepção que são, de certa forma, marcadas pelo signo da heterogeneidade da identidade.

No entanto, a forma dessa representação da desterritorialidade, apesar de poder apresentar, em escritoras tão singulares como Zélia Gattai e Norah Lange, elementos em comum, é muito mais idiossincrática do que se pode conceber em um breve estudo como este. Diz-se isto, pois, embora pudéssemos estabelecer diversas aproximações entre as escritoras, também pudemos apontar algumas dissimetrias na forma de percepção desses deslocamentos dentro de uma produção textual.

Enquanto Gattai se mantém em uma linearidade narrativa na qual utiliza sua experiência do exílio e da migração para manter um olhar crítico sobre os fatos que nos descortina, Lange embaralha os próprios fatos, deixando nítido esse transitar entre culturas no próprio curso de seu discurso. Ambas, no entanto, valem-se de uma forma pluralizada, a partir do próprio processo de desenraizamento da percepção, de leitura e releitura da cultura de acolhida, em um processo de revisitação da experiência que, parece dizer mais sobre o movimento que se estabelece ao caminhar, do que do chão novo no qual se pisa.

A importância desses estudos se afirma, justamente, a partir de um movimento de compreensão sobre as relações entre culturas e povos de diferentes nacionalidades e, com diversas percepções do espaço e tempo, que servem tanto para estabelecermos novos olhares sobre os processos migratórios em âmbito global, quanto sobre a condição do escritor mediante esses processos, a partir dos quais sua escrita, em constante intercâmbio histórico, espacial e cultural, desenvolve-se e tenta captar, de forma fractal, imagens de um mundo em constante mobilidade e transformação.

Referências

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BATTICORE, G. Modalidades y fantasmas de la autoría femenina. Publicistas y literatas. In: BATTICORE, G. **La mujer romántica**: lectoras, autoras y escritores en la Argentina: 1830-1870. Buenos Aires: Edhasa, 2005.

BEAUVOIR, S. **A força das coisas**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORNEJO POLAR, A. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. In: CORNEJO POLAR, A. **Crítica de la razón heterogénea**: textos esenciales (I). Lima: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, 2013, p. 97-109.

ETTE, O. **Escrever EntreMundos**: literaturas sem morada fixa. Trad. Rosani Umbach; Dionei Mathias; Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GATTAI, Z. **Anarquistas graças a Deus**. São Paulo: Record, 1979.

GATTAI, Z. **Chão de meninos**. São Paulo: Record, 1992.

GATTAI, Z. **Discurso de posse**. [S.l. s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/zeliagattai/discursodeposse>>. Acesso em: 07 mai. 2019.

Página | 113

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora revista dos Tribunais LTDA, 1990.

LACERDA, L. A rede era furta cor. In: LACERDA, L. **Álbum de leitura**: memória de vida/histórias de leitores. São Paulo: UNESP, 2003.

LANGE, N. **Cadernos de infância**. Trad. Joana Angélica D'ávila Melo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MIZRAJE, G. Norah Lange: fuegos de sirenas. In: MIZRAJE, G. **Argentinas de Rosas a Perón**. Buenos Aires: Biblos, 1999.

RUIZ-SÁNCHEZ, A. Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización. **Migraciones y Exilios**, n. 6, 2005, p. 101-112.

ZÉLIA GATTAI Y NORAH LANGE: ESPACIOS Y CULTURAS EN DESPLAZAMIENTO

Resumen

El presente artículo objetiva demostrar, por medio de una aproximación entre las escrituras de Norah Lange y Zélia Gattai, cómo la producción de esas dos autoras, en relación a las narrativas de memoria, participa de un constante proceso de desplazamiento cultural, ampliando nuestra visión acerca de las ideas sobre una identidad única, evidenciando un continuo movimiento entre culturas, situándose, a partir de un proyecto estético en sus escrituras, en un lugar del medio, en la cultura latinoamericana. Para concreción de este análisis, utilizaremos un abordaje de la literatura comparada en que, aliando aspectos de sus escrituras a los respectivos contextos de su producción, veremos cómo la representación de realidades, al principio tan distintas, se toca, se pluraliza, a partir de puntos en común, en la escritura memorialista de esas dos grandes mujeres. En ese sentido, a partir de esas "escrituras en movimiento", analizaremos algunos fragmentos de diarios, cartas y conferencias, de cada una de esas dos grandes voces y partícipes de procesos importantes de la historia y cultura, de Brasil y de Argentina, respectivamente. En este recorrido teórico, algunos textos nos servirán de apoyo para nuestra investigación comparativa, como Ruiz Sánchez (2005), Halbwachs (1990), Leonor Arfuch (2010), Ottmar Ette (2018), Mizraje (1999), entre otras pensadoras y pensadores que nos ayudarán en ese recorrido.

Palabras clave: Desplazamientos culturales. Narrativas de memoria. Norah Lange. Zélia Gattai

Recebido em: 01/06/2019

Aprovado em: 04/12/2019